

revista **bulunga**

novembro de 2023 - número 23

para tentarmos provar que não somos machistas, chauvinistas e reacionários, neste número entrevistamos a apresentadora, escritora, repórter, maquiadora e atriz multiperfomática

DANIELA SAVASSI

EDITORIAL

“O último a sair, apague a luz!”. Esta é uma afirmação típica de que a coisa está tão ruim, mas tão ruim, que o barco está inundando e o melhor a fazer é cair fora. Entretanto, se antes existiam opções de fuga, mesmo sendo bote ou salva-vidas, hoje parece não restar aonde ir. É a máxima do “se correr o bicho pega, se ficar o bicho come”. Notícias são cada vez mais do mesmo: lacração ou sensacionalismo barato; palpiteiros espalhados por todos os lados, e o Google com suas informações superficiais e reducionistas (não em relação ao conteúdo em si, mas em relação ao que se tornou prático e fácil para a pesquisa), e portais cheios de fofocas, disse-me-disse, ataques e defesas nitidamente programados para elevar a assistência e fazer notórias “celebridades” instantâneas.

Praticamente, tudo se baseia na ideia do corpo, de ele ser de tal forma superior, que é necessário exaltar mesmo os feios e desengonçados ao patamar de “belezas singulares”. O mundo tem se tornado enfadonho e previsível, mas de uma forma canhestra, horripilante, desleal e fantasiosa. Enquanto isto, alma e espírito são relegados ao esquecimento, pois a maioria sequer reconhece ter uma ou ambas.

O homem é um todo: corpo, alma e espírito, e se uma das partes é anulada ou desprezada em favor de outra, a coisa não caminhará nada bem. Mas, para um bom número de pessoas, importa tão somente o corpo, este mesmo a envelhecer, adoecer e, por fim, morrer. E virar pó!

Cada vez mais as pessoas se arriscam pelos seus corpos: cirurgias desnecessárias, terapias nocivas, tratamentos duvidosos. Querem corpos virtuosos na marra e acabam por conseguir realçar defeitos e assimetrias. Neste rol, encontram-se as tatuagens, piercings e alargadores. Por si só, são exemplos de deformidade. Enquanto isto, a alma e o espírito são relegados aos porões da indigência, pertencentes a corpos igualmente miseráveis.

Outra coisa inexplicável é a urgência de exposição. Tik Tok, Facebook, Youtube e outras redes se tornaram para muitos pântanos, onde se está atolado até o pescoço na lama e, por meio de Photoshop e similares, filtram, transformam, enganam e criam miragens de si mesmos.

No campo político, cultural e educacional a coisa só não está pior porque ainda estão cavando um abismo maior. E acaba por refletir em tantos outros aspectos da vida. A verdade é que ninguém está seguro, nem mesmo aquele a arrotar seus achismos e convicções baseadas em posts de 30 segundos ou letreiros de notícias.

A imprensa é outra lástima. A justiça, nem se fala. Para aonde ir, então? O que pode ser feito?

Se olharmos para este mundo, pouca coisa ou nada poderá trazer esperança para o homem equilibrado e consciente das suas virtudes e defeitos. Para os tolos, tudo está certo, e, ao ver deles, evoluirá para caminhos ainda melhores. Quanta tolice...

O BRASIL VAI MAL, OBRIGADO

Pensei em trocar de carro, pois já ia completar seis anos de uso, apesar de muito bem conservado, mas chega uma hora em que a gente vira refém de mecânico, e assim não vale a pena fazer papel de idiota, mais valendo raspar o que tiver na conta e comprar um carro novo. O problema é que a minha já estava zerada e o gerente andava me ligando para sugerir que fizesse um pequeno empréstimo para zerar o saldo negativo.

Certa vez, liguei o carro e percebi que, ao acionar o acelerador, dava para ouvir um barulhinho metálico, um indisfarçável “tá-tá-tá-tá-tá”, debaixo do piso. Aquilo deixou-me preocupado, e assim encostei na primeira oficina mecânica que encontrei no trajeto. O mecânico ligou o carro, acelerou, escutou o barulho por alguns instantes, levantou o capô, balançou algumas peças plásticas e logo veio com o diagnóstico, de que estaria com um sério problema no motor, e que teria que trocar.

Naquela época a situação estava tão difícil para mim que não teria condições de trocar a meia furada que estava usando no pé, muito menos o motor do meu carro. Perguntei quanto ia custar e ele informou que seria um valor correspondente à metade do que valeria o veículo à época. Agradei e fui embora, mesmo sob o alerta de que o motor poderia fundir a qualquer momento.

Parei em outra oficina, que não ficava muito distante dali, e fui atendido por um mecânico marrento, que tinha um cigarro apagado pendurado no canto da boca. Ele levantou o carro no elevador, mexeu em algumas coisas e disse: está pronto. Como assim?

Ele disse que era uma proteção metálica do escapamento que estava solta, e que só teve que apertar dois parafusos. Perguntei quanto teria que pagar pelo serviço, e ele: absolutamente nada.

Tive vontade de retornar na outra oficina e esmurrar a cara do vagabundo, mas certamente levaria a pior, porque as leis deste país protegem os meliantes, pois foram elaboradas, em sua maioria, por ladrões.

O brasileiro merece ser estudado pela NASA, já cansei de dizer isso, pois apesar de todas essas contrariedades que dominam o nosso cotidiano, por conta de trambiques dos quais somos alvos, ainda sobrevivemos, provando que somos mais resistentes do que o rato-toupeira-pelado, que vive no deserto do leste africano.

Crise? Esqueça! Vamos superar. Mas não podemos dar bobeira: cochilou, o cachimbo cai.

DANIELA SAVASSI

Ela já fez um pouco de tudo em sua carreira nacional e internacional, teve um programa no SBT, “Onde Mora a Felicidade”, onde entrevistou muita gente famosa, foi premiada, mas já passou por uma fase difícil na vida, quando teve que participar como colunista da Revista Bulunga. Contudo, ela deu a volta por cima e hoje pode ser vista no programa “Sempre Feliz”, da Rede Super de Televisão, sempre inventando matérias divertidas e criativas, e em breve irá apresentar o talk show na internet, “Um Talk de Esperança”, além do podcast “Crente como a Gente”



Bulunga – Daniela, nós sabemos que você não é necessariamente do tipo “longilínea”, mas o que você queria ser quando crescesse?

Daniela - Quando eu tinha sete anos de idade, lembro “direitinho”, estava no colégio, na porta da sala, quando uma colega me perguntou, “o que você vai ser quando crescer”, e eu falei imediatamente: atriz. Até os sete anos, a gente constrói a personalidade, e acho que foi um dom, e assim como Jesus fala da “Parábola dos Talentos”, a gente tem que multiplicar nossos talentos, e aí fui multiplicando, criando minhas próprias histórias, produzindo e escrevendo minhas próprias histórias.

Na escola, toda apresentação de trabalho que tinha eu fazia criações divertidas, atuava, e os professores me chamavam para fazer a abertura de eventos. Nessa época, já me engajava politicamente, era representante de turma, da

comissão de formatura, do grêmio estudantil. A arte e a política sempre estiveram juntas na minha vida. Cheguei a ser até candidata a vereadora. A partir daí veio uma longa história: fui estudar Direito e dentro da faculdade eu sentia uma necessidade latente de fazer arte, e o meu pai, vendo isso, falou “vá fazer um curso de teatro”, mas ele tinha uma visão de que faria isso como um “hobby”, mas fui fazer o curso e não parei mais: fiz teatro, tv, cinema, fui para fora do país, e acabei deslanchando na carreira



Bulunga - Soubemos que você também é uma excelente maquiadora...

Daniela - Depois de quase 20 anos de profissão como atriz e produtora, eu estava fora do país e precisava manter o meu visto, porque fiz um curso de cinema e comecei a trabalhar muito, bem mais do que os meus colegas nativos, e não podia perder essa oportunidade



de estender o meu visto, para não ter que ficar na ilegalidade. E acabei fazendo mais um curso e comecei a trabalhar como... maquiadora! Com isso, nunca fiquei um só ano sem trabalhar, pois sempre alternava, uma hora atuando como apresentadora, outra como produtora, atriz, maquiadora, e além disso me descobri como terapeuta de práticas integrativas, o que foi mais uma possibilidade de trabalho.

Bulunga - Mas e o Direito...

Daniela - Apesar de nunca ter ficado um ano sem trabalhar, havia uns intervalos e sempre

voltava para o Direito. Foi então que resolvi fazer uma pós-graduação em Direito Tributário, mas foi a pior coisa que já fiz em minha vida (risos), pois não entendia nada e me sentia numa aula de física nuclear (risos). Mas não era a minha praia. Lembro-me que estava ensaiando uma peça durante o dia, que inclusive mudou a minha visão como artista e atriz, quando fazia 14 personagens, e o nome era "Vida de Busão não é Mole Não". A peça foi um sucesso, foi muito elogiada e ganhamos vários

prêmios com ela. Naquele tempo, eu ensaiava pela manhã e à noite ia para a pós-graduação, com muita neblina e frio, ouvindo Enia e chorando horrores (risos). E daí em diante, nunca mais fiz nada com o Direito.

Bulunga - Houve alguma pressão da família para que você garantisse essa formação "paralela" do Direito?

Daniela - Minha família sempre me incentivou muito, me deu uma base, principalmente financeira para que eu pudesse buscar tudo isso. Inicialmente,



eles achavam que seria só um hobby, mas se preocuparam muito, falando para que fizesse Direito, pois a arte é uma coisa muito insegura, e que eu precisava ter um “Plano B”, enfim, uma coisa mais estável para mim, porque, realmente, a área artística é muito difícil. A gente recebe mil “nãos” para um “sim”. E eles sempre me apoiaram e sou muito grata por isso.

Bulunga – No cinema e na televisão, as mulheres bonitas às vezes são utilizadas como “objetos de cena”, para “embelezarem o ambiente”, dificultando o reconhecimento de um verdadeiro talento. Para você, isto ajudou ou atrapalhou na fase inicial de sua carreira?

Daniela - Infelizmente, o fato de ser bonita me atrapalhou algumas vezes, a tal ponto que desejei ser feia, chegando a fazer testes “avacalhada”, sem muita maquiagem, roupas pouco chamativas. Teve uma vez, no Canadá, um dos agentes revolveu me colocar só para fazer publicidade, mas eu queria fazer cinema, e ele disse “você é muito bonita e vai ganhar dinheiro com publicidade”, mas não queria me colocar para fazer cinema, o que me deu uma raiva muito grande. Por outro lado, já passei em situações em que fui assediada para entrar em uma grande emissora de TV, para fazer novela, mas não aceitei. Para quem não tem um “QI” (Quem Indica) muito forte, vão sobrando papéis menores. Algumas mulheres aceitam, ficam ricas e famosas, para depois quererem reclamar que foram assediadas, usadas, mas não sei se concordo com isso, pois tive essas mesmas oportunidades e não aceitei.

Bulunga - Como foi essa sua entrada para a Rede Super de Televisão?

Daniela - Comecei como produtora, com três programas, depois surgiu um quarto, e ainda comecei a ajudar nos “20 anos da TV”, a fazer algumas entrevistas por trás das câmeras, e aí uma das diretoras viu um potencial em



mim, baseado em todo o meu background, em tudo o que eu fazia, e ela me chamou para participar do “Sempre Feliz”, que é o carro-chefe da TV e exige uma produção maior, mais detalhada, mais complexa. A Diretora era a Ana, e me colocou como repórter, mas eu não sou jornalista, e ela me ensinou mais uma função na vida e aí me tornei repórter. Ela me deu muita abertura para criar as matérias, de forma mais leve. Fiz algumas mais pesadas, mas a intenção eram as mais leves. Formamos uma bela dupla, por um bom tempo.

A diretora de conteúdo também sempre gostou desse meu estilo mais leve, pois eu não era muito “engessada” como jornalista, e como trago essa leveza de apresentadora e atriz, as matérias começaram a fazer muito sucesso. Para todo lugar que eu ia o pessoal falava que eu era muito carismática, muito alegre, e comecei a ouvir esse tipo de feedback. É muito gostoso receber esse carinho de forma tão natural, genuína, ainda que eu estivesse sendo ensinada para isso.



Teve também a Jennifer, que me ajudou muito. Ela e a Ana foram fundamentais nesse processo, pois me deram essa abertura, descobriram esse potencial em mim, e foi muito legal.

BULUNGA - Você se acha feminista?

DANIELA - Eu me achava feminista até entender o que é o feminismo. Eu sou feminina. As mulheres estão tão masculinizadas e o fato de você ser feminina chama a atenção, para elas, negativamente. A mulher precisa ser respeitada e os direitos que conquistamos devem ser mantidos. Hoje é muito cômodo, pois a mulher já faz tudo o que fazia dentro de casa e tem que pagar as contas, ela mesmo abre a porta do carro, ela é que faz as coisas românticas, se é que faz, o sexo é livre, então para eles é muito cômodo, mas também é ruim pois com esse comodismo a gente não cresce, não tira o melhor que existe em nós. Isso está fazendo com que eles percam toda a masculinidade, que é tão importante. O homem é o homem. O homem primata ia caçar, e a fêmea ficava em casa tomando conta da cria.

Tinha um equilíbrio. Por isso eles não digladiavam, mas é por isso que hoje tem tantas mudanças de valores. O homem tem o papel dele, de homem, e por isso tem que ser respeitado, senão ele vira um zero à esquerda, o que não é bom para os dois lados.

A mulher tem que tomar o papel dela de mulher, de esposa, de mãe, mantendo, e o homem tem que ser romântico, sim, tem que abrir a porta do carro, sim, tem que pagar as contas, sim, mas a mulher não pode ser exploradora, interesseira. Existem muitas por aí que são. Mas o cara tem que saber distinguir.

Está na Bíblia: o homem é o provedor. Mas, antes de tudo, deve ser o PROTETOR da família. Os filhos precisam ver o homem como homem, e a mãe, como mulher. Isso gera crianças saudáveis emocionalmente. Assim fomos feitos. Os animais são assim: os leões caçam, as leões cuidam dos filhotes. Cada um deve assumir o seu papel e fica tudo equilibrado. Eu fui criada assim, meus pais estão fazendo 52 anos de casados e sempre foi assim aqui em casa. Muitos casamentos são desfeitos porque a mulher assume o papel do homem e os homens se acomodam, os filhos não respeitam o pai e vira uma confusão.

BULUNGA - Você é uma mulher de fé?

DANIELA - Muita fé. Mas é interessante dizer que namorei um cara que era ateu. Não du-





rou dois meses (risos), e também teve um dos últimos namorados que era totalmente limitado, sem conseguir expandir os pensamentos, e por isso não deu certo, pois, como disse, sou uma pessoa de muita fé. Todo o meu caminhar na espiritualidade me fez chegar até aqui e me fez entender que a verdade está na Bíblia. Eu passei por todas as doutrinas e religiões possíveis e hoje pude entender que Jesus é a verdade, o caminho e a vida, e ainda que eu tivesse tribulações, conseguiria obter a paz, e isso é libertador. O mundo hoje vive uma confusão, pois as pessoas estão perdidas, querem preencher o seu vazio e vão ficando agressivas porque não conseguem, o que gera essa necessidade de pertencimento. A política acaba pegando essas pessoas, que são utilizadas como massa de manobra por pessoas com interesses obscuros.

BULUNGA - E como anda o seu tempo? Pelo que vejo, é uma pessoa extremamente

ocupada, faz um monte de coisas ao mesmo tempo. Isso não cansa?

Daniela - Sempre sobra um espaço, mesmo ficando sobrecarregada. Atualmente, ministro um curso que se chama "Imersão Despertar", com uma sócia, Fabiana Rocha, e nesses últimos dias eu estava organizando o evento, que é de desenvolvimento emocional e profissional, a gente ajuda as pessoas com curas internas, a encontrar o seu talento, o seu propósito de vida, e foram meses bem intensos, por conta disso. Ao mesmo tempo estou estreando o talk-show "Um Talk de Esperança", e o podcast "Crente como a Gente", ambos ao vivo no Youtube. Eles estreiam na quinta-feira, às duas da tarde será o podcast, e às três e meia será o talk-show. Já estou na correria de organizar, de chamar os convidados. Espero que todos possam ver e que seja um sucesso. O melhor de tudo é que estarei trabalhando, me divertindo e ajudando as pessoas!

Jack Lemmon

por **Kim Jordan**



Lembro-me de, ainda criança, esperar todos em casa dormirem para ligar a TV, uma Zenith valvulada de 24", por volta das 22:30 h, para assistir a antiga "Sessão Coruja", na Globo. Antes, observava se meus pais estavam dormindo, caso o velho não estivesse roncando, o que era facilmente perceptível quando ocorria. Depois, me dirigia à sala, ligava o transmissor, diminuía o volume e me encostava à tela, esperando um antigo clássico em preto e branco.

Raramente, mesmo tendo 11, 12 anos, dormia antes da madrugada. E assim, vivia a aventura de, furtivamente, desobedecer aos patriarcas e me deliciar com os grandes nomes do cinema, e seus filmes maravilhosos.

Um dos meus atores prediletos à época, e que se conservou, era Jack Lemmon. Em muitos aspectos, Lemmon me fazia lembrar os maneirismos do Ronald Golias, o Bronco (para mim, um dos maiores comediantes brasileiros), sem o exagero tão acentuado. Talvez, a minha admiração pelo americano estava intrinsecamente ligada à simpatia com o brasileiro, a quem conheci muito antes de sequer ouvir falar de Jack Lemmon.

Hoje, provavelmente a maioria o desconhece e, desgraçadamente, se priva de acompanhar um dos maiores atores de todos os tempos.

Mas, quem ele foi?

Jack Lemmon nasceu em 1925, em um elevador na cidade de Boston, Massachusetts. Diz a lenda, que a sua mãe, Mildred Burgess LaRue (casada com John Uhler Lemmon Jr.), quase em trabalho de parto, se recusou a abandonar uma partida de Bridge e, portanto, não houve tempo suficiente de instalá-la numa adequada sala hospitalar. Algo inusitado, mas com algum simbolismo, já que o recém-nascido, mesmo antes de vir ao mundo, "galgou" rapidamente o píncaro, e isto marcaria a sua ascensão ao estrelado cinematográfico.

Autodidata, aprendeu, ainda criança, a tocar piano, gaita, órgão, guitarra e contrabaixo. Formou-se em Ciências Políticas, na prestigiada Universidade de Harvard, mas, desde cedo, sempre almejou tornar-se ator, fato a acontecer tão logo terminou a sua participação, como voluntário, na Segunda Guerra. Começou na TV, em uma série intitulada, "That Wonderfull Guy", em 1949.

O primeiro filme, em 1954, foi "Demônio de Mulher", e, já em 1955, aos 30 anos, ganhou o Oscar de melhor ator coadjuvante, com o filme "Mr. Roberts", com direção de Richard Quine. Indicado 8 vezes, em 1973, ganhou a estatueta de Melhor Ator, em "Sonhos do Passado".

Trabalhou com os maiores diretores de sua época, em especial se destacam as parcerias com Billy Wilder (7 filmes, entre eles os clássicos: "Quanto mais quente melhor", "Se meu apartamento falasse" e "Irma La Dulce"), Richard Quine (5), Blake Edwards (3). Mais conhecido por suas comédias (também excelente ator dramático, vide as atuações em "Vício Maldito", "Síndrome da China" e "Missing", p. ex.), estão entre as mais notáveis de todos os tempos, e de parcerias famosas com Marilyn Monroe, Tony Curtis, Shirley MacLaine, e a melhor delas foi, sem sombra de dú-



vidas, com Walter Matthau: participaram de 10 filmes, e Lemmon o dirigiu em “Ainda há fogo sob as cinzas” (1972). Nos anos 90, protagonizaram filmes onde riam de si mesmos: “Dois velhos rabugentos” e “Dois velhos mais rabugentos”, onde contracenaram com outro grande ator, Burgess Meredith, o impagável “Pinguim” da série Batman, e o treinador de Rocky Balboa, nos filmes Rocky I, II, III e V.

Carismático, engraçado, gentil e cooperativo, levava a qualquer set de filmagem não somente o seu inegável talento, mas também a sua personalidade serena e cordial. Modesto, se definia como um “operário da arte



cinematográfica”, a despeito dos inúmeros prêmios e depoimentos de críticos e colegas, como um gênio das artes cênicas.

Certa vez, perguntaram a Billy Wilder o que era felicidade, e ele prontamente respondeu: “trabalhar com Jack Lemmon”.

Algumas frases célebres:

“Não importa quão bem-sucedido você seja, sempre mande o elevador de volta.”

“Minha carreira foi cheia de coincidências notáveis que não têm nada a ver Comigo.”

“Ninguém merece muito dinheiro, certamente não um ator.”

“Algo, com certeza, vale a pena se não for fácil. Se for, não deveria valer a pena.”

“Eu preferiria atuar em Hamlet sem ensaio do que jogar golfe de TV.”

“É difícil escrever um bom drama, e muito mais difícil escrever uma boa comédia, e mais difícil ainda escrever um drama com comédia. Que é como a vida é.”

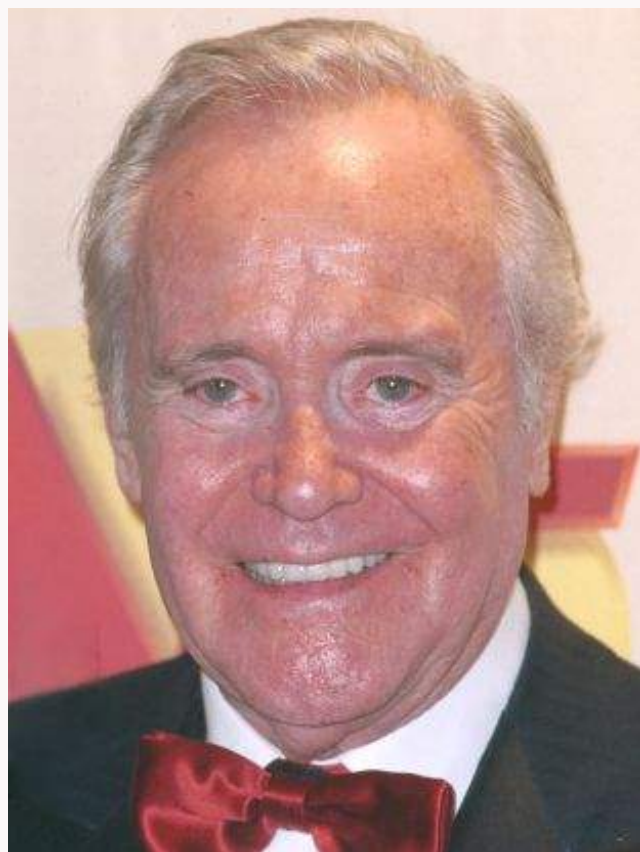
“Morrer não é pecado. Não viver, é.”

“Falhas não param você. O que para é o medo de falhar”.

“Não tinha desejo de estar no cinema. Todo o meu treinamento foi para o teatro, graças a Deus.”

“A morte é o fim da vida, não um relacionamento.”

“Nunca perdi a paixão total pelo meu trabalho.”





FAMÍLIA

crônica de Michel Salomão

- Querido, vamos na casa da mamãe no sábado?
- De novo? Já não fomos no sábado passado?
- É que ela vai fazer um almoço.
- Na semana passada também almoçamos lá.
- Mas é bom. Pelo menos a gente descansa.
- Há controvérsias.
- Como assim?
- Eu não consigo descansar quando vou na casa da sua mãe. Para falar a verdade, saio de lá muito mais cansado do que cheguei.
- Por quê?
- Seus parentes só falam de doenças. De doenças e de remédios. São todos hipocondríacos.
- Todos?
- Todos.
- Inclusive eu?
- Inclusive.

Ficaram o resto do dia sem conversar. Mas antes a mulher foi até a caixa de medicamentos que ficava no banheiro e pegou três remédios. O marido foi atrás.

- Não falei?

Piorou ainda mais a situação. Naquela noite ele teria que dormir na sala. E talvez na outra também. Acabou tendo que ir no almoço na casa da sogra. Arroz, feijão tropeiro, maionese, frango assado, farofa e salada. Até não estava ruim, mas

num determinado momento, vieram as conversas sobre doenças e remédios. Ele aproveitou para tomar um sol na varanda. Do outro lado da rua, a vizinha trocava de roupa com a janela aberta. Normal. As mulheres geralmente adoram fazer isso. Aproveitou para depilar a virilha usando um barbeador descartável. Não deu para ver a marca, mas percebeu que era azul. Mas aí veio uma dor no abdome. Pensou que seriam gases. Porém, a dor aumentou. Muito. Ficou insuportável. Só deu tempo de dar um forte gemido e cair desacordado.

Acordou no hospital, em cima de uma maca, alguns aparelhos o rodeando e haviam aplicado soro em seu braço. A esposa estava na porta, conversando com o médico, e ao seu lado havia diversas macas com pacientes esperando para serem atendidos.

- Ainda bem que acordou! – disse a mulher aliviada - Você terá que ser operado com urgência. É o apêndice.

Foi aí que se lembrou do episódio e voltou a doer. Nem sabia que tinha um apêndice. Ou se sabia, nem se lembrava. Resumindo: acabou sendo operado, correu tudo bem, e nas próximas reuniões da família lá estava ele, integrado, falando alegremente sobre doenças e remédios.

**NÃO PERCAM
23/11, A PARTIR DAS
14 HORAS, NO YOUTUBE**



MENDIGOS DE LUXO

Kennedy Alright

Parei o carro no semáforo e logo veio um pedinte, um homem calvo, branco, 65 anos presumíveis. Peguei algumas moedas que tinha no bolso e entreguei-as para ele.

- Não tem mais? - ele me perguntou.
- Não entendi... - e não entendi mesmo.
- Não tem mais? - ele repetiu.

Não foi a primeira vez que aconteceu. Teve uma dia em que dei um punhado de moedas a um mendigo e ele jogou longe, dizendo “não quero essa desgraça” (sic).

Geralmente, eles ficam próximos aos restaurantes e lanchonetes, e pedem para que paguem um almoço ou um lanche para eles. Assim fica difícil, pois um lanche não sai por menos de R\$10,00, com direito a um suco, e um almoço, por R\$35,00.

No passado, juntavam as moedas que recebiam e compravam as suas coisas. Hoje em dia, eles querem tudo de uma vez. Ninguém tem paciência para nada. Sinal dos tempos.

Tem ainda os que ficam na porta dos supermercados e pedem para comprar litros de leite ou pacotes de fraldas. Muita gente dá, sem saber que, na maioria das vezes,



vendem para comprar drogas.

Não estou dizendo que mendigos não precisam de esmolas, mas posso afirmar que alguns nem são mendigos. Um amigo meu disse que conhece um, que mora no seu bairro, que é dono de um haras, tem caminhonete e viaja duas vezes ao ano para a praia. Eu não viajo duas vezes ao ano para a praia. Talvez seja mais vantagem “trabalhar” como mendigo.



coluna do nelson TRAMONTINA



corte rápido

Nelson é nosso correspondente internacional em Tuvalu, e mesmo estando longe consegue fazer seus “cortes rápidos”, respondendo às perguntas dos leitores com comentários secos acerca dos costumes da sociedade e da situação do país em que viveu a maior parte de sua longa vida, até se tornar um respeitável e ranzinza aposentado e comentarista do tempo. E quase sempre acerta, quando palpita se vai chover ou fazer calor.

Nelson, eu tenho 25 anos e estou pensando em me casar. Mas eu e minha noiva estamos desempregados. O quê devemos fazer?

Diz o ditado que quem casa, quer casa. Mas pelo visto vocês não possuem uma, e devem saber muito bem como é difícil assumir um financiamento habitacional. Sugiro que segurem a onda, contenham os hormônios e gastem o solado dos sapatos para procurarem um belo emprego, ou correrão o risco de procriarem em pouco tempo, pois pobre adora fazer esse tipo de besteira.

Eu não aguento mais o meu time. Ele só perde. E acabou de descer para a terceira divisão.

Vejo que mesmo descendo para a terceira divisão você ainda chama de “meu” esse seu time porcaria. Só lhe resta, então, descer junto com ele.

O meu vizinho é socialista e vive exibindo sua bandeira vermelha na janela do seu quarto. Se eu colocar fogo em sua casa posso ser preso?

Vai, mas não deveria. Afinal, seja qual for a bandeira, não é nada elegante colocar na janela algo que não seja uma cortina, mas tem gente que coloca até lençóis, toalhas de mesa ou folhas de jornal, o que é uma autêntica breguice.

Eu tenho o meu pipiu pequeno e gostaria de saber como fazer para aumentar.

Se você diz que é pequeno, é porque realmente é, pois a maioria dos homens mente muito a respeito desse assunto, quase sempre acrescentando vários centímetros na régua. A maioria das mulheres afirma que o tamanho do membro não é importante, mas é muito mais interessante que você tenha um grande saldo em sua conta bancária.

Nelson, as pessoas falam que sou feia, mas olho no espelho e não vejo isso.

Autoestima é uma das principais qualidades que as pessoas precisam ter, mas no seu caso pode ser que esteja precisando de uns óculos.

Nelson, do jeito que anda a nossa situação política e econômica, é possível que o Brasil vire uma Venezuela?

Impossível: o Brasil continuará sendo Brasil, assim como a Venezuela continuará sendo Venezuela. Mas ambos podem se tornar tão miseráveis que entendam que é melhor se juntar, abrindo as fronteiras para se tornarem uma BRAZUELA.

Nelson, estou apaixonado pela namorada de um amigo. O que faço?

Tinha até uma música do Roberto Carlos que falava sobre isso, mas naquele tempo as coisas se resolviam com base na porrada. Mas tudo mudou, as pessoas estão mais liberais, principalmente depois dessa onda socialista, quando entendem que tudo é de todos. Se conversar direitinho, quem sabe eles não aceitam um “terceiro” na relação?

ORGULHO DO PAPAI

conto de **MICHEL SALOMÃO**

O Joel era o mais “pegador” da turma, se bem que desconfiassem que grande parte das vantagens que contava, a respeito de suas aventuras com mulheres, era mentira. Vez ou outra aparecia se atracando com uma feia qualquer, que se fosse com outro, poderiam correr para separar que era briga, mas para ele isso valia pontos, e criticava os outros por serem muito seletivos, pois, segundo ele, “o importante era estar sempre mastigando”.

Depois que todos se casaram e passaram a cultivar suas respectivas barrigas, souberam que Joel teve um filho, mas que não tinha muito orgulho dele. Acontece que o menino desmunhecava desde o berço, e aquilo para ele era como a morte. Aos dois anos de idade, o menino já fazia as danças da Beyoncé.

Ninguém ligava para isso, e nem passava pela cabeça hostilizar, prejudicar ou agredir gays, mas faziam a zoeira de sempre, pois naquele tempo ainda era permitido brincar sem que corressem o risco de sofrer um processo judicial.

O próprio Joel era o que mais abusava da situação, pois habitualmente cumprimentava os amigos com um “ô viado!”, mas não era para ofender: era o jeito dele abordar os mais “chegados”. Ninguém ligava para isso, e vivam totalmente em paz. Quando fez quatorze anos, o filho do Joel, que se chamava Arlindo, resolveu começar a se vestir de menina. Pintava as unhas, usava baton, cílio postiço, calça legging justíssima e top com uma camisa curta, aberta, por cima. E pedia para ser chamada de Arlinda. O Joel ficava inconsolável a tal ponto de parar de sair com a turma, mas um dia



resolveram fazer uma visita surpresa e foram até a casa dele. Arlindo, ou melhor, Arlinda, que mais tarde adotou o nome de Linda, estava de saída, e naquele dia vestia uma mini-saia jeans, o famoso top com a camisa aberta, e uma sandália vermelha, do tipo rasteirinha. Era dia de jogo de futebol, e ele os conduziu até a área da churrasqueira, onde havia uma TV de 55 polegadas na parede. Cerveja vai, cerveja vem, o time adversário fez um gol. E o Joel começou a xingar o goleiro:

- Viado! Viado! Esse goleiro não serve para nada.

Diante do espanto da turma, tentou consertar:

- Ele nem é tão viado assim. Mas é um péssimo goleiro.

Com o tempo, o Joel passou a aceitar a situação, principalmente quando o filho começou a ganhar muito dinheiro como designer de ambientes. E comentava com todo mundo, cheio de orgulho:

- Esse meu filho vale ouro. Ou melhor, filha.

POLAROIDES

Jorge F. Isah

Assistindo ao filme "Elmer Gantry - Entre Deus e o Pecado", estrelado por Burt Lancaster e Jean Simmons, não pude deixar de me impressionar com a estarrecedora descrição e semelhança com o movimento revivalista evangélico americano. Há de tudo um pouco: falsos e eloquentes sermões, e técnicas para atrair, comover e impactar a plateia. De certa forma, muitos grupos religiosos da atualidade se baseiam, ou muito bem poderiam ter se baseado, em cenas do filme. Seria o caso da realidade imitando a ficção.

É claro, o filme tem um toque caricato, farsesco, como o de uma sátira, mas pela impressionante semelhança com os movimentos evangélicos atuais (os neopentecostais e movimentos da fé), não é difícil reconhecer também a caricaturização das quais muitas igrejas tornaram-se reféns. Como na vida real, no filme existe de tudo um pouco: mercantilismo, charlatanismo, pragmatismo, exibicionismo, megalômanos a exalar o fétido odor diabólico. O púlpito é um palco. Os ministradores, atores. E a igreja, uma assistência patética.

Há apelos, comoção, catarse, latidos, gritos, convulsão, e tudo o que de pior o sincretismo tem produzido nas últimas décadas, numa espécie de "orgia" espiritual. Em muitos momentos, tem-se a impressão de estar em um culto na igreja evangélica mais próxima, na desordem sonora, na metalingua-

gem espantosa, nas encenações abusivas e licenciosas, buscando resgatar através do sentimentalismo e da banalização um "novo cristianismo", explosivo em sua profusão cênica, porém, burlesco, deformado e inócuo em seu caráter espiritual.

Abriu-se mão do princípio para se valorizar apenas os meios, desde que o fim se tornasse exequível e imediato. No fim das contas, é um show como outro qualquer, onde se tem de mobilizar a plateia, criar empatia, fazer valer cada centavo gasto e ganho, iludilos com uma espécie de salvação onde Cristo não está evidente, nem se é possível encontrá-lo ou distingui-lo na mensagem, mesmo entre aparente piedade, mesmo que na ingenuidade.

Elmer Gantry é um ambulante, uma espécie de caixeiro viajante, que lança a sua lábria sobre os incautos, vendendo produtos imprestáveis por preços extorsivos. É um bêbado, mulherengo, mentiroso e fanfarrão que, da noite para o dia, se vê alçado ao posto de pastor; de vendedor ambulante fracassado a pastor itinerante de sucesso.

A interpretação histriônica de Lancaster confere um ar de comicidade e zombaria ao seu personagem, capaz de rir-se de si mesmo e da sua imoralidade. É um homem sem escrúpulos, que vê naquela oportunidade a chance de fugir de sua vida miserável. Não há como não o ver como um bufão, que em sua tolice consegue enganar uma multidão de tolos ainda maiores do que ele próprio. Burt consegue dar uma áurea de simpatia ao personagem, e, em muitos momentos, é possível acreditar que todo o seu empenho não passou de uma diversão, uma brincadeira ingênua, na qual sequer acreditou. Mas à medida que os "frutos" vão surgindo: conversões em massas (os números são meticulosamente citados), o volume de ofertas, o auxílio de igrejas e organismos religiosos, e os convites para novas "campanhas" em cidades grandes fazem aumentar substancialmente a fama da "tenda evangelística", Gantry começa a acreditar no seu poder de mobilizar milhões de pessoas e dinheiro. Ele crê literalmente na sua força.

Inicialmente ele é a sombra da irmã Sharon Falconer, uma profetisa/evangelista errante, sem vínculo denominacional, extremamente carismática (em todos os sentidos), que arrebatava uma plateia cativa à sua elegância e suavidade quase angelicais. Jean Simmons (uma atriz fantástica) tem uma interpretação diametralmente oposta a de Burt Lancaster. Ela é contida, delicada, quase diáfana, como se flutuasse por entre os cenários, mas alcança um brilhantismo poucas vezes visto em Hollywood. Por isso, talvez a dúvida que se tem: se ela acreditava realmente em sua santidade ou, como Elmer, estava a aproveitar-se da situação, já que a coisa toda parecia dar certo. Não é assim que os movimentos positivistas acreditam? Se o negócio funciona, é sinal de que Deus está a dirigi-lo e abençoá-lo, do contrário, por que daria certo? (At. 5.38-39).



Uma das frases mais emblemáticas é quando Sharon diz ao Sr. Lefferts, o qual se recusava a ajoelhar-se para uma oração (um jornalista ateu que acompanhava a "tenda" enquanto fazia pesquisas para uma futura reportagem sobre o movimento. O alter-ego de Sinclair Lewis): "Você pode não acreditar em Deus, mas ele acredita em você!" (citação livre, não literal do texto). Demonstrando de que forma o humanismo consegue corromper os valores cristãos, invertendo a ordem ao fazer Deus ter fé no homem, quando somos nós que devemos crer nele, conforme ordenam as Escrituras.

O filme é uma crítica ácida ao evangelicalismo emergente americano (o livro é de 1926), permeado pela hipocrisia, a desfaçatez e a teatralidade, capaz de produzir a tolice e o engano ao invés de homens salvos e servos verdadeiros.

Por ter lido Lewis na adolescência, percebi que a crítica ao evangelicalismo revivalista americano a lá "Charles Finney", subentende-se uma crítica ao capitalismo. Sinclair era um dos mais ferrenhos combatentes do "American way of life" presente em muitas de suas obras, por exemplo, Babbitt (provavelmente a mais famosa). Ele usa o Cristianismo como palco para demolir o mercantilismo e a sociedade hipócrita e imoral obstinadamente servil ao dinheiro de sua época. Como crítico de costumes, Lewis até que se sai bem, apesar de ser um autor relegado ao pó do esquecimento, e que não tem nenhum apelo às novas gerações cada vez mais bestializadas e estúpidas. Não que Lewis seja um gênio. Não que o seu discurso seja verdadeiro. Na verdade, ele não é, duplamente. Mas deve ser lido e avaliado como o porta-voz de uma época; e pode ser útil para se averiguar também a presente geração. Na verdade, ele não era um marxista, mas um liberal que rejeitava veementemente suas raízes tradicionais e camponesas.

Voltando ao filme, Lefferts, o jornalista, diz em sua matéria de capa do jornal Zenith sobre a "tenda": O que é uma caravana? Uma igreja? Uma religião? Ou um circo, onde o espetáculo são as atrações bizarras? (novamente, citação livre, não literal).

Mesmo saído da boca de um ateu (creio que Lewis o era, apesar da educação religiosa tradicional), não seriam os questionamentos do autor um alerta para o momento em que vivemos? Não estamos numa espécie de "vale-tudo", onde o desprezo a Deus e sua palavra são tão notórios que Ele se utiliza da voz dos ímpios para condenar o que estão a fazer com a igreja? Não estamos tão obliterados, cegados pela vaidade, na crença de que temos superpoderes e somos super-homens, que um cético pode ser usado para nos alertar? Como diz o ditado: em terra de cego, quem tem um olho é rei.

Ainda que o mundo não seja capaz de julgar a igreja, nem o possa fazer, por que rejeitamos os alertas e persistimos em blasfemar o nome de Cristo entre os incrédulos? (Rm 2.24).

Porém, ao final, cumprir-se-á o alerta de Cristo:

"Toda a árvore que não dá bom fruto corta-se e lança-se no fogo. Portanto, pelos seus frutos os conhecereis. Nem todo o que me diz: Senhor, Senhor! entrará no reino dos céus, mas aquele que faz a vontade de meu Pai, que está nos céus. Muitos me dirão naquele dia: Senhor, Senhor, não profetizamos nós em teu nome? e em teu nome não expulsamos demônios? e em teu nome não fizemos muitas maravilhas? E então lhes direi abertamente: Nunca vos conheci; apartai-vos de mim, vós que praticais a iniquidade" (Mt 7.19-23).

Porque o homem prudente escuta as Suas palavras, não o cainhar dos lobos.

Elmer Gantry - Entre Deus e o Pecado (título em português)

Diretor: Richard Brooks, EUA, 1960

Elenco: Burt Lancaster (ganhador do Oscar de ator principal), Jean Simmons, Arthur Kennedy, Dean Jagger, Shirley Jones, Edward Andrews, Patti Page, John McIntire, Rex Ingram, Hugh Marlowe, Philip Ober

Roteiro: Richard Brooks

Baseado na novela Elmer Gentry, de Sinclair Lewis (o primeiro escritor americano laureado ao Nobel, cujo prêmio declinou recebê-lo)

Música: Andre Previn

Produção: United Artists

Cor: 145 min.



WhatsApp (31)98025.1010 - Telefone (31)3222.1010

INCENTIVO À IMPRODUTIVIDADE

Radamés Paixão

Estava em um grupo de amigos, quando um dos presentes lançou a seguinte discussão: “Acho um absurdo um jogador de futebol ganhar essa fortuna por mês e comprar carros de mais de um milhão: deveria ajudar as pessoas”. Outro respondeu que se alguém ganha muito dinheiro, e isso vale tanto para jogador de futebol, empresário, ou alto executivo de uma empresa, se não estiver roubando, é porque fez por merecer. Disse ainda que existem formas de ajudar, com a criação de empregos, com a compra de produtos (que vão movimentar o comércio e a indústria) e o pagamento de impostos. Além disso, se algum desses sáisse ajudando todo mundo, em um país miserável como o Brasil, ficaria tão pobre quanto os demais.

Se formos pensar bem, caso esse hipotético jogador vivesse na Suíça ou em qualquer outro país desenvolvido, essa discussão nem viria à tona. O problema é que o Brasil é um país onde a esmagadora maioria da população sequer desfruta de saneamento básico, e o café da manhã, que nem todos tem, não passa de um miserável pão com manteiga (ou margarina) e um copo de café, o que torna esse desjejum ainda pior do que o dos chineses ou indianos, cuja cultura estabelece uma espécie de “almoço” matutino.

No Brasil, quem tem mais do que o mínimo necessário à sobrevivência deve conviver com o estigma do egoísmo, por mais que contribua com entidades assistencialistas e honre com seus impostos, que deveriam ser utilizados, em parte, para assistir os necessitados.

O brasileiro médio há de se sentir culpado por possuir um carro, uma casa, por vestir boas roupas, por usar perfumes, por vez ou outra almoçar ou jantar em restaurantes e

desfrutar de alguma modesta opção de lazer, independente do malabarismo e do contorcionismo para realizar esses “sonhos”, parcelando compras e fazendo empréstimos.

Não é muito incomum ser abordado na rua com a seguinte fala: “compra isso aqui na minha mão para me ajudar”. Na verdade, esse vendedor deveria procurar vender um produto ou prestar um serviço que seja útil ao potencial comprador, pois quem compra “para ajudar” não comprará uma segunda vez. “Mas nem todo mundo tem essa capacidade”, poderão argumentar alguns. Porém, é assim que as coisas funcionam. As pessoas precisam saber ocupar funções, ou teremos uma sociedade fadada à mendicância, como ocorre no Brasil.

Ninguém precisa de meninos fazendo malabarismos ou vendendo balas nos semáforos. Ninguém precisa de olhadores de carros estacionados nas ruas. Sim, eles estão ali porque precisam, mas as pessoas geralmente contribuem por constrangimento, por medo de uma reação agressiva, mas caberia ao governo orientar essas pessoas a buscarem uma colocação, pois é essa a função dos governos. Mas governos populistas preferem instituir suas famosas “bolsas disso e daquilo”, incentivando esses pedintes a não serem produtivos.

E é por isso que este Brasil vai ficando cada vez mais complicado.



PRECONCEITOS BOBOS

crônica de Michel Salomão

Até então, eu me achava somente um homem, mas agora, quase aos 60 anos, descobri que sou “cisgênero”. Imagine se chegar perto do meu pai, que está com 86 anos, e dizer a ele, à queima-roupa: “pai, eu agora sou cisgênero”. Ele teria um infarto do miocárdio fulminante.

Nos velhos tempos, menino era menino e menina era menina. Menino não gostava de bonecas, principalmente daquelas que ficavam com uns poucos tufo de cabelos, e um olho fechado e outro aberto. Mas também tinha aquelas que falavam “mamãe” ou “I love you”, quando eram apertadas na barriga. Hoje as bonecas já vem com uma mecha de cabelo pintada de azul e algumas usam pochetes. Algumas vem até com pipiu.

A maior preocupação das autoridades deste país, que parece ser o único do mundo a se preocupar tão seriamente com essas questões, é a polêmica dos banheiros: um macho de 1.95m, 140 quilos, barba espessa, voz de barítono, que passar um batonzinho na boca, e que se acha uma autêntica mulher, pode ser impedido de entrar em um banheiro feminino?

As meninas eram preparadas para cuidar de seus filhos, brincando de casinha, e os homens iam à “guerra”, com os seus soldadinhos de chumbo,

esportes de contato e outras atividades mais arriscadas, como descer ladeira com carrinho de rolimã, jogar “ranca”, mexer com cachorro para ele correr atrás, ou andar com bicicleta sem freio, o que poderia ser interpretado como uma preparação para a luta que teriam que enfrentar para serem os futuros provedores da família. Os meninos de hoje pintam as unhas com esmalte enquanto as meninas lutam muay thai.

O mais louco é imaginar que, só por comentar essas coisas, posso receber a visita da Polícia Federal em minha casa, como se tivesse cometido um crime contra a Segurança Nacional, mas não é justo que eu seja acusado de preconceituoso, racista, fascista, terrorista ou sei lá mais o quê, apenas por relatar fatos do cotidiano, como todo bom cronista, ou melhor, como todo cronista, pois não sei se sou bom. Possivelmente, os progressistas não irão dizer que sou.

Já vejo a hora em que todo homem “cis” será obrigado a leiloar o “my precious”, em nome da diversidade, para que não seja suspenso o seu CPF, a carteirinha do CAC, o direito à renovação do passaporte e ao recebimento do salário, do bolsa-família ou do auxílio-desemprego. Se isso acontecer, pode estar certo que irei para a ilha mais distante que existir. Nadando.

SANATÓRIO VERDE-AMARELO... VERMELHO

Guido Malaparte

O Brasil é um país, no mínimo, extravagante. E parece cada vez mais empenhado em manter essa fama. Se na política pulululam figuras bizarras, nonsenses, trapaceiras e caricatas, no dia a dia alguns vestem a carapuça sem o menor constrangimento, e saem por aí repetindo, como papagaios, o discurso dos piratas. Alguns preferem a perda do carinho da mãe, a amizade e intimidade com parentes e confrades, e até mesmo o respeito do vira-lata, em troca das bravatas e brejeirices vulgares dos ídolos de plantão, sejam políticos, artistas, atletas ou líderes sindicais. Ultimamente, jornalistas e magistrados, youbers e o remelexo das ancas e quadris no TikTok alcançaram o status de fetiches e heroínas nacionais.

Não é preciso muita inteligência ou análise acurada para perceber, em uma simples olhadela, a maioria se tratar de pantomimos: nada em sua apresentação, constituição ou pensamento pode ser levado a sério; é o caso de sucesso da trapalhada e do embusteiro, porque um bando de trapaceiros e tolos infla-os com números de ibope. Nenhum lugar do mundo poderia ser tão próspero e fértil a ponto de florescer e vingar gerações e gerações de Ferdinands Damaras. Se, em outros lugares, são exceções, aqui é mato, ou melhor, erva daninha. Quem é Mary Butterworth, falsificadora de dinheiro, ou Victor Lustig, que vendeu a Torre Eiffel e enganou o não menos criminoso, Al Capone, diante da expertise brasileira?

Contudo, se considerarmos as trapalhadas, onde rombos aos cofres públicos, assalto às estatais, nepotismos, a pompa nababesca da burocracia, impostos e taxas extorsivos, entre outras infinitas e inimagináveis falcaturas, deixaria a delinquência internacional de queixo caído, parecendo brincadeira de criança, em suas pretensões quase ingênuas.

Se existe algo a reconhecer é a “verve Brasilis” de mover céus e terra por nada, ou melhor, a ilusão de muitos é administrada pela cretinice de poucos, que se consideram “hipérboles do maquiavelismo”, a essência elevada à enésima potência do mais rasteiro e inapropriado produto da alma humana; entre loucos e insanos, ninguém quer se salvar, estancar a psicose ou, na melhor das hipóteses, fazer o “mea-culpa”.

Certamente a inspiração não vem de hoje, mas de milênios. Ou será que algum figurão do mainstream nacional passou ao largo da figura emblemática e inspiradora do grande rei Goujian (496-465 A.C.)? O rei do parafuso frouxo que, de tão louco, espalhava medo e terror em seus inimigos?

Não é mera semelhança: o rei, ao colocar, durante as batalhas, nas primeiras fileiras, criminosos condenados à morte, deixou a sua marca perpetuar-se por séculos e séculos. Quando a luta estava para se travar, os guerreiros das primeiras fileiras empunhavam as suas espadas e cortavam a própria cabeça, produzindo um quadro intensamente perturbador e monstruoso aos adversários. A tática de Goujian era parecer, aos olhos inimigos, que o seu exército se constituía absolutamente de malucos, doidos varridos. E, sabemos: com esse tipo de gente não dá para brincar, não é!

Tenho comigo uma tese: a despeito das gigantescas reservas naturais, da riqueza imensurável dos nossos recursos, ninguém se atreverá a nos invadir e dominar; e se alguém estiver disposto a fazê-lo, saiba que será apenas mais um, neste grande hospício, a antiga terra do pau-brasil.



Anna Kariênina

de Leon Tolstói

Em busca de um sentido

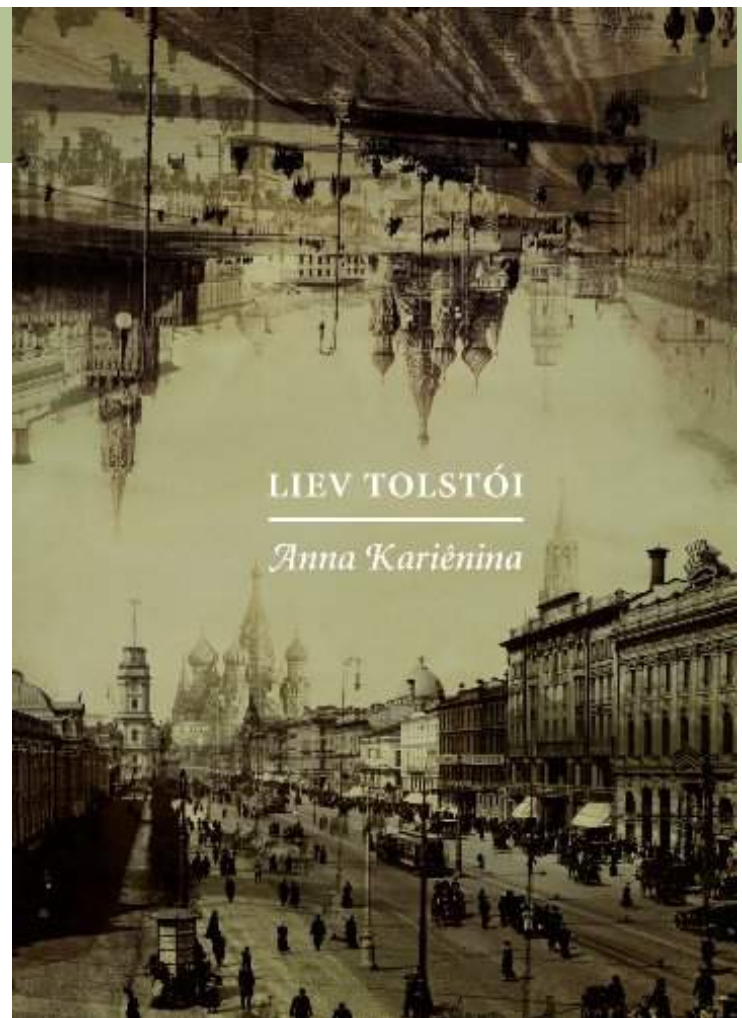
Jorge F. Isah

Depois de tantos anos, somente agora decidi-me a ler um livro de Tolstói. E não comecei pelo mais famoso, “Guerra e Paz”, mas pelo não menos famoso “Anna Kariênina”. Algo que sempre me desmotivou a lê-lo foram dois “entraves”. O primeiro, não sei por que isto sempre me veio à cabeça, imaginei que ele fosse um “rival” literário de Dostoiévski, assim como o Piquet foi rival do Senna na F1 (sic), e por aí afora (de alguma maneira, a juventude tem em mente dividir tudo em disputas; uma pena, já que a vida vai muito além do reducionismo tolo, em qualquer idade). Leio o “Dosty” desde a adolescência, e nutri durante anos um certo desprezo por Tolstói; o que acabou por agravar-se a partir da descoberta de Charles Bukowski, que também não gostava do Leon, e reputava o “Fiodor” o maior entre todos os escritores em todos os tempos, este é o segundo motivo: parecia confirmar minhas suspeitas de “rivalidade” entre os dois gigantes da literatura russa, e a me isolar, por décadas, de Liev (um tipo de privação literária...).

O fato é que me esquivei o quanto pude daquele, até o derradeiro momento. Hoje, penso não ser possível se esquivar de certos autores; não há como fugir da necessidade e, por que não, o prazer de lê-los. Tolstói é um deles, clássico, como o é Balzac ou Dickens, por exemplo, e para citar apenas dois contemporâneos do russo.

Falando de Anna Kariênina, a narrativa é fluída e de leitura agradável. No início, pensei, logo após as primeiras páginas: é continuar e esperar para ver as “cartas na manga” guardadas pelo autor. E terá de ser coisa ótima, pois mais de 800 páginas de “enrolação”, somente o “Dosty” consegue fazer com maestria. Contudo, a despeito da imensa habilidade do autor, há momentos em que a trama se parece muito com as novelas românticas dos escritores de best-sellers (é claro, estou hiperbolizando, pois não é possível, nem de longe, comparar um e outros), onde há ingredientes para todos os gostos. Há excessos de palavreado e descrições em profusão, algumas desnecessárias, em situações que poderiam ser resumidas. Entendo que ele queira deixar mais claro do que água, de maneira inapelável, o caráter de suas personagens e dos eventos nos quais participam; existe, porém, uma forma excessiva, quase repetitiva, em repisar e asseverar essas informações. O grande número de personagens secundários deixa-a delongada, encomprada, não diria arrastada, mas o leitor comum pode, certamente, ficar um pouco impaciente.

Não direi que os tais “excessos” tornam a leitura pouco proveitosa, de uma forma geral, posto a familiaridade e o interesse para com os personagens



diminui sensivelmente essa sensação. Talvez, e apenas talvez, um corte de 5% no volume final do texto representaria maior fluidez, diretamente ligada a uma objetividade igualmente maior; mas quem sou eu para ensinar escrita a um dos maiores gênios literários de todos os tempos?... É apenas a reflexão de um leitor preocupado com a sonegação desta geração, e das futuras, em se privar de experiências tão marcantes e profundas ao negar-se ler um dos clássicos, seja pelo desgosto e inabilidade em ler, seja pela preguiça ao se deparar com um calhamaço.

Tostói tem muitos méritos, inclusive da descrição e apresentação minuciosa de suas personagens, o que nos possibilita conhecê-las profundamente e, até mesmo, manter certa intimidade, empatia e cumplicidade. Este é, com certeza, um dos maiores méritos das grandes obras, nos tornar em parceiros, quase comparsas, da trama. Ocorre um pequeno “problema”, não sei dizer se posso chamar de problema, no desenrolar do livro: não há surpresas, já que muito do que acontece pode ser vislumbrado pelo leitor atento, a revelar a universalidade da história, ou histórias, em suas mais triviais particularidades, e mostrar o quão humana são as vidas das personagens, em suas tragédias, dramas, vivacidades e sutilezas.

Outra virtude é apresentar-nos várias discussões iniciadas naquele século e a perdurar até os nossos dias, revelando o quão é previsível o homem em sua tolice, excepcionalmente quando se considera imprevisível. Temas de cunho filosófico, teológico,

moral, político, cultural são pontuados com boas análises e conclusões, ainda que sejam apenas o mote para se avaliar o caráter de uma e outra personagem.

Penso haver dicotomias sem a menor razão de ser, como a disputa “religião x ciência”, onde a verdadeira religião e a verdadeira ciência não se digladiam, mas se complementam; o que para mim pode ser líquido e certo, para Tolstói e outros leitores é motivo de dúvidas e especulações, algo sincero e em nada desabonador, mesmo, no fim das contas, não existindo oposição.

Como em todo livro, temos aqueles homens e mulheres de que gostamos e os de que não gostamos. Especialmente, nutro uma simpatia por Kitty e Levine (mesmo este considerando-se ateu), enquanto não posso afirmar o mesmo de Ana e Vroski... Interessante que a mentalidade revolucionária/alienada, via marxismo, já se disseminava rapidamente mesmo em uma sociedade ainda não desenvolvida, como a russa (praticamente rural), onde Tolstói já vislumbrava o que haveria de acontecer décadas depois com Lenin, Trotsky e os bolcheviques.

Tolstói não chega a ser um Dostoievski (espera lá, caro leitor, não vá apedrejar-me; entenda existir um quê de “torcida” a favor deste, sem necessariamente haver demérito àquele; algo momentâneo, e pode mudar no futuro), mas é um grande escritor, que sabe pegar o leitor não com um espalhafatoso início, mas com o desenrolar da narrativa, em uma crescente de emoções, considerações e descobertas, pela qual somos seduzidos e “hipnotizados” em sua arte superlativa.

Um trecho que exemplifica em parte a minha afirmação, sobre o vislumbre do mundo atual a partir da realidade russa, o qual selecionei e copiei abaixo: acontecia na Rússia do sec. XIX, e está quase hegemonicamente disseminado no Brasil do sec. XXI. Tolstói não era profeta (apesar da aparência negar), mas vislumbrou a massificação da ignorância no mundo, em progressão geométrica, a despeito dos avanços tecnológicos; senão, vejamos a fala de um marchand a respeito de um pintor em ascensão, Mikailov:

"Filho, segundo ouvi dizer, de um mordomo moscovita, não sabe o que seja educação. Depois de frequentar a Escola de Belas Artes e de ter adquirido certa reputação, quis instruir-se, pois não é nenhum tolo. Para isso recorreu àquilo que se lhe afigurou a fonte de toda a ciência, isto é, aos jornais e às revistas. Outrora, quando alguém queria instruir-se, por exemplo, um francês, que fazia ele? Estudava os clássicos, os teólogos, os dramaturgos, os historiadores, os filósofos. Estão a ver o trabalho que o esperava. No nosso país é tudo muito mais simples: basta uma pessoa atirar-se à literatura subversiva para muito rapidamente assimilar um extracto completo de tal ciência. Há uns vinte anos, ainda esta literatura mostrava vestígios da sua luta contra as tradições

seculares, o quanto bastava para ensinar que tais coisas existiam, mas agora nem mesmo se dá ao trabalho de combater o passado, contenta se em negar francamente: tudo é *evolution, selecção*, luta pela vida".

É ou não é um retrato fiel dos nossos tempos, nos quais as pessoas se metem a falar de tudo, sem saber nada, com base em fontes nada confiáveis e, muitas das vezes, empenhadas em mentir, fraudar, burlar e enganar?... Assim, já era em seu tempo, talvez em caráter ainda incipiente, mas o suficiente para Tolstói vislumbrar um futuro obscuro, onde apedeutas se tornariam líderes de uma multidão de cegos, incapazes de ver, mas crentes no que os olhos não viam, a tropeçar e claudicar na própria presunção e arrogância... Ao dizerem-se racionais, negavam a racionalidade pela aptidão irracional de enganarem a si mesmos.

Tolstói aborda uma boa gama de problemas e dilemas que afligem a humanidade desde sempre. Temas como amor, traição, fidelidade, honradez, malícia, hipocrisia, ingenuidade, fé, etc., são ingredientes do palco de Anna Kariênina. Como já disse (e não canso de repetir), ele delineia minuciosamente as suas personagens, de maneira que as conhecemos profundamente. Muitas discussões iniciadas no sec. XIX perduram até os nossos dias, como também já disse, mas algo evidente, e merece ser reforçada é a reflexão sobre a queda intelectual e moral da sua época, o emburrecimento daqueles que deveriam defender e perpetuar a alta cultura e os princípios judaico-cristãos na sociedade. De forma que entre os aristocratas e letrados é-se possível perceber o que seria “regra”: o desprezo ao conhecimento e à moral, e a exaltação dos instintos ao nível do irracional. Anna é um bom exemplo disso: viveu e morreu pelos seus prazeres e sensações (uma hedonista empedernida, viciada ao ponto da loucura e desespero), muitos equivocados, muitos a exaltar-lhe o egoísmo e o narcisismo, muitos falsos e irreais, que culminaram numa segunda realidade, existindo apenas em sua mente.

Mesmo rejeitada pela sociedade, de maneira geral, seus pecados eram amenizados ou esquecidos por conta da sua beleza e sensualidade, onde os homens adoravam-na enquanto as mulheres desprezavam e invejavam-na (nisso há uma semelhança entre Karenina e “Nastasya Filippovna”, de Dostoievski – preciso mesmo reler o *Idiota*, mais uma vez). Pouquíssimos são os exemplos morais num mundo infestado pela imoralidade, mas até mesmo estes reconheciam sua condição miserável e indigna, como a amante do irmão de Levine. A própria Anna reconhece a desgraça em que se lançara, mas a ideia de uma felicidade amorosa e verdadeira e duradoura com Vroski era uma espécie de recompensa a todo o mal que ela havia produzido (o fetiche e suas prisões da alma). Temos as figuras dos ídolos, aqueles pelos quais se manifestam o desejo humano de deificação,

seja o amor proibido ou qualquer forma de rebelião ao natural; pois, como criaturas imperfeitas e necessitadas poderiam gerar relações perfeitas e suficientes?

Nota-se o senso moral evidente, reconhecível, mas rejeitado, como se acatá-lo significasse algum tipo de escravidão, e a sua negação consciente uma liberdade. Ao contrário dos nossos dias, onde a moral, ética e os valores nobres do homem são desprezados por não serem reconhecidos como tais (o relativismo impossibilita qualquer verdade absoluta, entregando-se a irrealidade e contradição da verdade relativa), lá, ao tempo de Tostói, o homem se entregava ao erro pela impossibilidade de não o viver, mesmo sendo reconhecido como tal, como erro; não havia a exaltação dos pecados e vícios; era simplesmente o inevitável, algo de que não se conseguia fugir, sem ser, contudo, objeto de caça. Esta é, via de regra, a condição natural do homem, o bem e o mal e a escolha entre eles; ao passo que, atualmente, a ideia do mal se misturar de tal forma ao bem (o mal se faz bem e o bem mal) é a desgraça completa de boa parte da humanidade.

Tostói é conservador nesse aspecto, e dá ao seu livro um caráter nitidamente existencial (ainda que o termo não existisse ao seu tempo com o conceito de hoje) e metafísico, no desfecho final. Interessante as implicações metafísicas serem respostas diretamente tiradas da realidade, como atestam as reflexões finais de Levine.

O livro é um achado, e sua leitura pode surpreender, não como estamos acostumados a ser surpreendidos: o espanto e o susto gratuitos, ou reviravoltas malabarísticas (próprias de boa parte dos autores modernos; a maioria "sem pé nem cabeça"), levando-nos a meditar sobre questões cruciais ao ser humano, como a vida e a morte, por exemplo, e sempre. Leitura recomendadíssima.

Avaliação: (*****)

Título: Anna Kariênina

Autor: Liev Tostói

Página: 816

Editora: Cosac & Naify

Sinopse:

"Toda a diversidade, todo o encanto, toda a beleza da vida é feita de sombra e de luz", escreve Liev Tolstói no romance que Fiodor Dostoiévski definiu como "impecável". Publicado originalmente em forma de fascículos entre 1875 e 1877, antes de finalmente ganhar corpo de livro em 1877, Anna Kariênina continua a causar espanto. Como pode uma obra de arte se parecer tanto com a vida? Com absoluta maestria, Tolstói conduz o leitor por um salão repleto de música, perfumes, vestidos de renda, num ambiente de imagens vívidas e quase palpáveis que têm como pano de fundo a Rússia czarista. Nessa galeria de personagens excessivamente humanos, ninguém está inteiramente a salvo de julgamento..."



Post Scriptum III

Jorge F. Isah

Antes do turno findar, a secretária o chamou:

- Doutor, tem algumas pessoas aqui...
- Pacientes?
- Não.
- Quem são? E o que querem?

A voz rateou um pouco.

- É da justiça... Dois oficiais...

Hummm... não demorou muito para ser importunado pelos homens das leis. Sabia qual era o intento: ameaçar e coagi-lo a fazer o que os despachos elaborados em gabinetes luxuosos, ar condicionado, bebida e comida farta, e acesso a todo o tipo de agrados e mimos públicos, pagos com o dinheiro do contribuinte ou financiado pelos grandes conglomerados financeiros e industriais, para sustentar toda uma máquina de abusos, sujeição e dividendos a assegurar-lhes o futuro de gerações em um loop infinito, o rato e a roda sem sair do lugar, mas a gastar tempo e a jogar a vida alheia no vácuo, enquanto se esbandalham em folias e remelexos.

Certa vez, em colóquio amigável, ouviu:

- Por isso, sou revolucionário. É necessário acabar com o status quo vigente, o capitalismo selvagem e desenfreado, e colocar o poder nas mãos do povo.

Ficou boquiaberto, enquanto o amigo se servia de outra dose de “Macallan Reflexion Decanter” e pedaços de Camembert, a saboreá-los de olhos fechados, em êxtase, sem deixar de estalar a língua ao final da degustação.

- Que raios está a dizer?... Parece um colegial em campanha no centro estudantil...

- O que eu disse de errado?!... – Os sabores desvaneceram-se tão logo a censura ativou-lhe os tímpanos.

- Tudo!... E de onde tirou esse monte de asneiras?... Eu sempre soube da sua inclinação ao mainstream, de se moldar a essa ou aquela moda, mas não sabia que havia se transformado tanto... Está quase irreconhecível!

Havia tempos que não se viam. Na verdade, pouco mais de um ano. O amigo resolveu tirar o período sabático e saiu, junto com a esposa, a peregrinar o mundo. Katmandu, Beijing, Moscou, Paris, Santiago de Compostela, Londres, depois Nova York, Los Angeles, Chicago, Vancouver, Miami, Havana, Porto Príncipe, Aruba, e, por fim, desceu a Caracas, Bogotá, Santiago, Buenos Aires. De volta ao Brasil, se inscreveu em uma sigla trabalhista e se tornou voluntário em uma ONG na luta pelos direitos das “Nephrolepis exaltata”, vulgo samambaia de Boston ou Americana, que insistiam em chamar de estadunidense, como se isso a tornasse menos americana e mais anti-imperialista, caso tivessem algum interesse no politicamente correto e deixasse a sua regadura mais eficiente ou original.

Ouviu falar de que ele estava diferente, com ideias de ajudar financeiramente suas novas filiações; e, mesmo aos quase 60 anos, seu ímpeto juvenil nunca o abandonou, e acentuara-se ainda mais, tornando-se quase em um fetiche.

- Tudo o quê?! – Inquiriu.

- Cada palavra do que disse é delírio ou, no mínimo, hipocrisia.

- Está a me chamar de dissimulado, é isso?! – Encarou-o, os olhos ferviam, quase a pular das órbitas, e as artérias do pescoço intumesciam e se retraíam frenéticas.

- Não, necessariamente... Apenas no caso de não estar febril, bêbado ou drogado. – Não quis ser implacável, mas tergiversar ou amenizar a situação em nada ajudaria o amigo. Conhecia-o havia anos, na verdade, décadas, e sempre foi um maria-vai-com-as-outras, se moldando aos modismos e últimas tendências da moda, sociais, comportamentais e estilísticas. Gostava do imediatismo das coisas, e enquadrar-se rapidamente ao grupo, parecer descolado ou cool, tão ou mais ávido por novas manias, difundidas por coachs, influenciadores digitais, pelo cinema, novelas e talk-shows, do que os próprios idealizadores. Era usuário sedento das modernidades, efêmeras, a durar semanas ou alguns meses; e lá estava ele, pronto para investir tempo e dinheiro na próxima “onda”.

Ao ouvi-lo, houve certa paralisia da raiva, como se recebesse um balde de água fria, um beliscão ou chute no traseiro, tal qual se faz com cães quando se quer desviar-lhes a atenção. Algo o paralisou. Talvez a sinceridade do amigo ou o amor-próprio alanceado, ou a frustração com ambos, ou ainda não saber como responder, se devia responder ou fazer-se de morto. Por fim, pronunciou:

- Como se atreve?!... – Pegou as chaves do carro, levantou, deu-lhe as costas, e saiu a tropeçar nas mesas. Atravessou o corredor, não respondeu à vênia da hostess, e ganhou a rua, onde sumiu.

- Somos os oficiais Sandro e Vanessa.

- Pois não, em que posso ajudar?

Às vezes se sentia estúpido em não ir diretamente ao assunto, como se não soubesse do que se tratava e estivesse surpreso ao sabê-lo, segundos depois. Assim eram, contudo, as normas sociais. Se havia a prescrição médica, seus receituários, terapêuticas, carimbos e papeis timbrados, também havia outras convenções a modelar as relações de tal maneira que

ninguém fosse apanhado na própria teia, preso no descuido e afobação. Neste caso, as consequências poderiam não ser muito agradáveis, e chegar-se ao risco de fustigar ou lesar; seja física ou moralmente, era prudente estar de sobreaviso para não ser pego de calças curtas ou despido.

- Esta é uma intimação para, no prazo de 12 horas, cumprir as exigências do Tribunal, sob pena de prisão e multa. Assine aqui!

Apontou o dedo para o espaço em branco, abaixo da assinatura do juiz. Confirmou:

- Bem aqui! – Bateu o dedo algumas vezes para deixar evidente o lugar da rubrica.

Pegou a folha, e começou a ler.

- Não precisa, é só assinar! – Disse, rispidamente, a que se chamava Vanessa.

- Não posso assinar algo sem ler antes. É praxe de qualquer atividade, além de ser o meu direito. - Voltou os olhos ao papel.

- Quem disse isso?! – A mulher empertigou-se e aumentou a voz.

- Quem?!... Ora, a lei!... Você devia saber!..

- Não me trate por você, mas doutora! Respeite-me!

O outro tentou amenizar a situação.

- Basta assinar... Não tem nada que não dissemos no papel.

- Por que a pressa?... Não gasto dois minutos... Inclusive, já teria acabado se...

- Vamos, deixa de enrolação! Está querendo ganhar tempo? Para esticar ainda mais a situação?... Pensa que pode enganar a justiça, pensa?! – As órbitas pequenas em relação ao rosto balofo e salpicado de manchas, de onde emergia uma verruga preta escura, distenderam-se, ainda mais irregulares, muito distante de qualquer padrão simétrico e harmonioso, tornando a mulher ainda mais desagradável e antipática.

O colega interveio:

- Deixa!... Tem gente que não aprende... Vamos esperar.



Voltou ao papel, deu uma rápida passada de olhos, assinou e estendeu a via para eles. Não suportava mais a presença de ambos. O melhor era pôr fim aquele estado de coisas, no mínimo vulgar e anômalo. A mulher pegou a folha, dobrou e colocou-a na bolsa. Saíram.

Pode então deter-se com calma na intimação. Nela estavam todas as mais simples formas de coação resumidas em uma frase ou expressão: multa de até 800 vezes o salário-mínimo nominal e cinco a oito anos de prisão caso descumprisse a lei e a determinação judicial. O restante era apenas citação de artigo, parágrafo, inciso e código a garantir sobrepujança do artifício legal acima de qualquer consciência, convicção, vontade ou decisão moral, ética ou classicamente estabelecida no decorrer de séculos, ou milênios. Nada disso valia, apenas o caráter positivista da lei, seja justa ou não, pérfida ou não, desigual ou não. O parâmetro era a lei pela lei, não importando os motivos, conceitos ou interesses por detrás, apenas o simples fato de ser como é e, sendo como é, não existir a menor chance de ser invalidada ou apócrifa.

Recostou-se à cadeira e ligou para o advogado.

- Infelizmente, não posso fazer nada. Depois das mudanças no novo código, não existem instrumentos para contestar a decisão do tribunal... Não se pode mais apelar ou pedir revisão. Estou de mãos amarradas.

- O que me sugere?

Houve um instante em que o silêncio os constrangeu, e ficaram cada um a seu lado, passados segundos, perguntando: "Alô?!...alô?!... Está ainda aí?!". Após as respostas, e saber que o silêncio era muito mais delicado do que uma simples queda do sinal ou o movimento involuntário de desligar o telefone, o advogado respondeu:

- Olha, é complicado. A situação não tem muito para onde ir... Ou você faz o que mandam ou arca com as consequências, não tem outro jeito. – Disse enfático, tentando ser o mais profissional e imparcial possível, sem deixar de transparecer tristeza e comoção pela situação do seu cliente.

- Muita gente está como você, sendo obrigada a fazer o que não quer e a consciência manda não fazer, ou se sujeitando a um processo rápido e tremendamente doloroso, onde perdem o registro profissional, são presos e a família tem de arcar com multas altíssimas, e obrigadas a vender o imóvel onde moram, amortizar parte da dívida e parcelar o restante a perder de vista, ou ver os bens irem a leilão por uma bagatela, que não cobre nem as custas do processo. – Tentou, da melhor maneira, dar uma visão geral dos acontecimentos, sem carregar em algum ponto, porque também era sabido não haver sigilo ou segredo que não pudesse ser ouvido e gravado, e assim ele acabaria produzindo indícios contra si mesmo. Naqueles tempos, o cuidado, por mais exorbitante e boçal, era imprescindível, e ninguém,

em sua consciência, podia se dar ao luxo de arroubos e descuidos por menores e mais inofensivos que sejam.

- Quer dizer, que estou em um mato sem cachorro... – Soltou-se na cadeira, desalentado, a alma pálida e cabisbaixa. – É aquela velha máxima: se correr o bicho pega, se ficar o bicho come...

- Bem, você é quem está dizendo... – Por mais compadecido estivesse da situação dramática do cliente, não poderia se envolver, tomar partido ou endossar comentários arriscados e provocativos. Sem contar as inúmeras vezes a repetir a velha epígrafe, lembrança da vovó, a qual teimava em "colorir" e usar por analogia a quase todos os seus pensamentos e reflexões... Certamente, tinha apreço pela velhinha, ou não estava disposto a encontrar outro mote mais atual ou alguém a parafrasear; certo é dele estar certo, pois o bicho, com as garras afiadas semelhantes aos Herodes, insaciáveis e incapazes de se faltar, estavam sempre à espreita de descuidados e honestos, sinceros e ingênuos, heróis e mártires, ou qualquer outro a desafiá-lo ou a não lhe dar a devida importância. Na soma de todos os medos, o covarde nem sempre estava seguro de sair incólume, mas quem o encarasse a indubitabilidade da vindita.

- Sim, sou eu... Você tem razão... Não há muito o que fazer...

Desligou.

A cabeça doía e, em meio ao calor, relatórios, prescrições e sumários dos pacientes, se tornava ainda mais nauseante, deletéria e incômoda, de modo que o corpo integralmente sofria. De todos os lados, chegavam exigências, avisos, despachos e arbítrio. Sentia-se prensado, esmagado ao muro sólido de concreto, onde havia uma saída: matar e morrer! E, no final das contas, Hades sempre saía ganhando. Um ou outro, cedo ou tarde, a conta fecharia; pura questão de tempo.

No relógio, a pressão arterial sinalizou 18 x 11; a indicar que nem ela estava imune às imposições das autoridades e à consciência titubeante. O luminoso em vermelho, sinal de alerta, ordenando-lhe também a respirar fundo e relaxar. A mensagem piscando enquanto o sangue fervia-lhe.

Arrancou-o depois de alguns insucessos, e lançou-o no chão. Estava farto de tudo, de todos os inúmeros controladores automáticos e involuntários.

Abriu, depois de anos, o livro sagrado, presente do irmão. Após algumas páginas, pegou o telefone e ligou.

**Já pensou em fazer o seu anúncio na
Revista Bulunga?**

CONVERSA DE CRENTE

por Michel Salomão

Conheço um homem que não vai mais à igreja. Confessou-me que sente vergonha, porque não tem como participar com o dízimo e ofertas. Ganha muito pouco dinheiro e ao final do mês sempre falta para as despesas básicas. A mulher e a filha estão desempregadas. A prestação do apartamento está atrasada. Existe a ameaça de cortes da energia elétrica e da água, e algumas vezes não tem como fazer compras de mantimentos para a casa. O pastor da sua igreja dizia que era por falta de fé. E citava Malaquias 3:8-12 (que estaria roubando a Deus), ao dizer que por isso não seria salvo, acrescentando deliberadamente um novo mandamento aos 10 preexistentes.

Hoje ele tem raiva de igrejas e de pastores. Diz que prefere estudar a Bíblia por conta própria, o que contraria o preceito de comunhão ensinado por Jesus, que nos orientou a repartirmos o pão e o vinho em Sua lembrança, e a sairmos pelo mundo fazendo discípulos, para que o evangelho seja ensinado para todas as pessoas, dando, inclusive, poder e autoridade a seus seguidores (e não somente a seus doze apóstolos), para promoverem curas e a expulsarem demônios.

O problema é que para isso são necessários “recursos”, e o nome que se dá a isso é dinheiro. Dinheiro para estabelecer locais adequados, principalmente nas grandes cidades, com o aluguel ou compra de imóveis, de móveis e equipamentos, material de divulgação, envio de missionários, criação de entidades assistenciais para os necessitados, etc. As igrejas também precisam formar lideranças, promover estudos, ou teríamos milhões de “intérpretes” da Bíblia espalhando suas ideias nem sempre fiéis pelas redes sociais, o que de certa forma já é uma realidade.

Estou entrando em um tema polêmico, e espero não incorrer em heresias, mas sinto-me na obrigação de abordar o assunto, visto que este meu conhecido desolado não é o único que pensa dessa forma. Seria essa uma reação esperada à canalhice promovida por exploradores da fé alheia, quase sempre propagadores da Teologia da Prosperidade.

Deus nunca prometeu moleza para ninguém, muito menos para aqueles que liberam o seu suado dinheiro para as igrejas, nem prometeu nada em contraprestação, mas espera que a generosidade tome conta dos seus filhos. Vale lembrar que os dízimos e as ofertas foram estabelecidos para ajudarem as viúvas, os órfãos, os pobres, os estrangeiros, além de manterem os membros da tri-

bo de Levi, que ficavam por conta da manutenção dos cultos, pois não haviam recebido porções de terra como herança e dependiam disso para viverem uma vida modesta.

Os cristãos herdaram do povo judeu esta forma de homenagear ao Criador. De certa forma, muito antes disso, Abel e Caim já haviam iniciado essa prática, ofertando a Ele parte de sua produção. Mas Deus conhecia o coração de Caim, que fazia aquilo com má vontade, e por isso teve sua oferta recusada, culminando por matar o irmão por pura inveja. Mas foi com Moisés que a prática do dízimo passou a ser regulamentada.

As contribuições não eram realizadas necessariamente em dinheiro, mas por meio de alimentos ou bens, que representavam a décima parte do que os fiéis recebiam diretamente de Deus, sob o entendimento de que Ele é o provedor de tudo o que necessitamos.

Jesus admirou-se com uma viúva pobre que depositou duas pequeninas moedas de cobre (Mateus 12:41-44), de muito pouco valor, e disse aos seus discípulos que teriam muito mais valor do que o que era lançado por muitos ricos. Com base nessa passagem, alguns líderes religiosos propagam que os fiéis devem doar todos os seus bens para as igrejas. Teve até um, que utilizava um ridículo chapéu de boiadeiro, que estabeleceu o “trízimo”.

Mas a tribo de Levi foi dispersa e milhões de líderes religiosos assumiram o seu lugar, tomando para si o direito à totalidade desses recursos, que se tornaram um rentável “business”, e os necessitados foram praticamente deixados de fora.

Não sou a pessoa mais preparada para dar lições de moral a ninguém, mas só posso dizer que a questão do dízimo é mais ESPIRITUAL do que material. É uma prova de confiança de que o Senhor está no controle de tudo, e que você não precisa se apegar a bens materiais, que são extremamente voláteis.

Procure uma igreja que não seja administrada por bandidos. Se descobrir irregularidades, vá para outra igreja. E se acontecer de novo, mude mais uma vez. Você é livre! Deus deu a você esta capacidade. Não dê ouvidos a líderes religiosos que insistam que você tenha que ficar amarrado a determinado templo.

E se você estiver passando por momentânea dificuldade e não puder contribuir, faça de outra forma, peça perdão, peça ajuda a Ele e depois retome, compense como puder. Mas não se afaste de Deus por este motivo. Pode ser que tenham sobrado duas moedinhas em seu bolso.

ROBBIE WILLIAMS

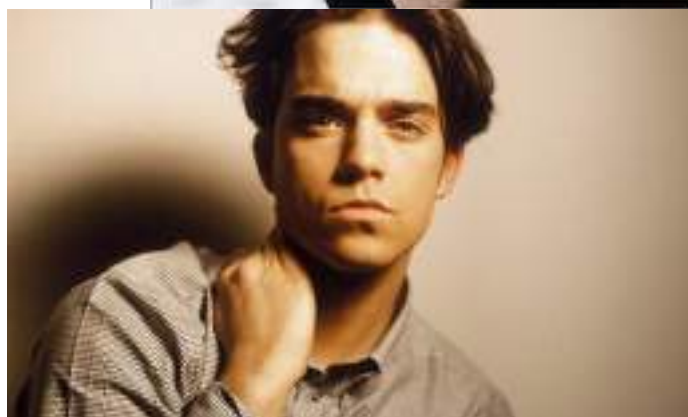
O cantor britânico Robbie Williams ocupa um importante posto no mundo do entretenimento, sendo considerado, em seu país, um dos maiores fenômenos musicais pop depois dos Beatles, mas aqui, no Brasil, pouco se sabe de sua rápida ascensão com a “boy band” Take That, da qual foi expulso, em razão das confusões que arranjava com o abuso das drogas, obrigando-o a buscar uma carreira solo, quando acabou fazendo muito mais sucesso do que o quarteto restante.

Mas a trajetória não foi das mais fáceis, por conta de seu envolvimento com drogas, com o seu temperamento difícil, e aqui no Brasil ficou mais conhecido pela sua participação como jurado no programa “The X Factor”, junto com sua esposa, a atriz Ayda Field, que exagerou no preenchimento de ácido hialurônico na boca.

O primeiro episódio do documentário sobre o cantor, exibido pela **NETFLIX** em quatro capítulos, é até bom, pois mostra o início da carreira do cantor, na Inglaterra, algumas cenas com o grupo Take That, e a sua intimidade, hoje com 49 anos, enquanto faz comentários sobre essas passagens, olhando as filmagens em seu macbook, deitado na cama de camiseta e cueca.

Um de seus maiores sucessos mundiais foi a canção “Angel”, e também teve “Feel”, mas o documentário se esqueceu de falar sobre todos os seus sucessos, concentrando-se apenas na primeira música, que certamente representou uma importante guinada em sua carreira, dando preferência a abordar a depressão em que se afundou, levando ao problema com as drogas e a uma séria instabilidade emocional, a sua excessiva vaidade, deixando em cheque o seu caráter, a sua moral e a sua sanidade, chegando a ser chato no restante dos capítulos.

Para quem não sabe, Robbie entrou para o Livro Guinness de Recordes Mundiais por ter vendido 1,6 milhões de ingressos em um único dia para a turnê “Close Encounters Tour”. Vale a pena ver o primeiro capítulo e ignorar os demais.



DIÁRIO DE UM sujeito

Helvécio S. Pereira

A mídia, sempre ávida por notícias e não por verdades ou fatos, imediatamente faz alarde do que, por si só, já é um desastre humano: as guerras. Mas as lentes da mídia nunca pesam exatamente a realidade ou o cerne de qualquer questão.

Aliás, o que causa ou evita desastres são coisas simples e comuns, corriqueiras e facilmente evitáveis, se houvesse ao menos uma pessoa mais sábia a ser ouvida. Veja a Primeira e Segunda Guerras. Um assassinato, e uma assinatura de paz que não foi honrada pela parte que a propôs: milhões de inocentes expropriados, torturados e mortos. O resto são cosméticos, paetês e perfumaria.

Bastou um público mais jovem apostar em um ator que se propôs a fazer justamente uma comédia com a possibilidade imprópria e não plausível de ser presidente que, voilà, foi eleito e de olho nos euros do Ocidente, acenou com ideias e adesões que incomodam com certa razão o seu vizinho poderoso e próximo (precisa dar nome aos bois?). Não adianta argumentar que os russos estejam totalmente errados, pois no passado os EUA se incomodaram e protestaram pelos mesmos exatos motivos: ter um vizinho muito próximo favorecendo o seu inimigo, ao instalar ogivas nucleares apontadas para a sua cozinha. Porém, de lá para cá, já se vão dois anos e ninguém mantém o mesmo interesse por tiros, tanques destruídos, soldados mortos, pontes destruídas e crateras nas ruas, bem como prédios danificados; o apelo é insuficiente para mantê-lo a audiência. O ser humano tem um limite ilimitado de se tornar, e fazer, indiferente.

Na verdade, como outra guerra qualquer, os agentes não entram na briga, mas a reacendem constantemente como aqueles colegas que na porta da escola não deixam os brigões acabarem com a troca de socos enquanto cospem no chão e praguejam contra as mães alheias.

De novo, tem-se a ignorância, a desonestidade intelectual ou o imediatismo ideológico patentes na mídia, em partidos políticos, entre professores nas escolas públicas e não públicas que, com a desculpa de autoridade ou falsa expertise, encruada no descarado carreirismo acadêmico, se arvoram em bobagens e contradições absurdas, esquecendo o mais básico humanismo, perdendo a referência do que seja um exército e do que sejam terroristas bárbaros. Aliás, terroristas jamais poderiam ser velhinhas com Bíblias, terços, caramelo e balas de menta nos bolsos.

Como digo: parem, pois quero descer!

O que é de fato o futuro? O passo seguinte? Algo que não aconteceu ainda? O que está escrito, determinado? Algo do que não se pode escapar? Tudo ou nada disso, ou apenas parte? Ao contrário do senso comum, o passado é consequente, o presente dura um instante e o futuro são todas as possibilidades



des que dentre elas o presente, fortuita ou calculadamente escolhe cada passo, e em uma sucessão leva a outro, e a outro, e a outro, semelhante a uma pilha de caixas, um castelo de cartas que se compõe, uma jogada no xadrez, ou a opção se irá dobrar ou não a esquina. Entretanto, as cartas foram fabricadas, vendidas, compradas, o jogo de xadrez possui regras já determinadas, e as ruas com suas esquinas já estão lá bem antes do veículo passar.

Pulemos as teses e o dilema que envolve este tema: haverá um amanhã para o nosso país, pois, diferentemente das pessoas que morrem e podem morrer por um vírus, um acidente, um erro médico ou uma briga idiota no trânsito, ele, em tese, durará mais tempo que todos nós, mais do que nossos filhos e netos, mesmo que algum deles lá na frente pague um alto preço, por erros e desmandos cumulativos.

Somos sobreviventes de incontáveis erros e fugas, de sofrimentos e injustiças, descendentes de gente que, esperta e sabiamente, pulou fora na hora “H”.

Acalmem-se! Isso acontecerá tantas e tantas vezes que o fim definitivo e não adiável, chegará como um ladrão na noite.

Pois, até Deus, pode abrir mão de sua infinita paciência.

Alguém duvida?!

SPOILERS



Este filme é o sexto da série iniciada em 1993, com o toque genial na direção de Steven Spielberg, baseado em um romance de Michael Crichton, que narrava a experiência com a clonagem de um pterossauro a partir de um DNA fossilizado. E assim um milionário excêntrico resolveu construir um fabuloso parque temático em uma ilha, habitada pelas mais variadas espécies de monstros pré-históricos, mas a coisa foge do controle e os bichos começam a matar todo mundo.

O sucesso do filme foi tão absurdo que superou a bilheteria de um bilhão de dólares, tirando a produtora Universal Studios do atoleiro, além de render a sua primeira sequência, também com a direção de Steven Spielberg, e que, da mesma forma, resultou em um absoluto sucesso de crítica e público, passando com facilidade a arrecadação

anterior.

As demais sequências, porém, não foram tão interessantes, mas repetiram as estonteantes arrecadações, e o pior episódio foi o 5º, sob o subtítulo “O Reino Ameaçado”, estrelado por Bryce Dallas Howard e Chriss Pratt, mesmo com todo o esforço para tentar repetir a fórmula dos dois primeiros episódios, com cenas de perseguições, duelo de dinossauros gigantes e pequenos sustos.

Anunciaram que o sexto episódio da franquia seria melhor, mas não é verdade: já começa com a cena de um bicho descomunal atacando e afundando um navio de pesca, mas ao episódio não é dada muita importância, pois as cenas seguintes mostram a atuação nefasta da empresa Biosym, cujo cérebro é Lewis Dogson (Campbell Scott), uma caricatura de Tim Cook, CEO da Apple.



Dogson é mal que nem um pica-pau, e pretende ocultar uma experiência malsucedida, com a criação de gafanhotos gigantes que podem destruir a safra de alimentos do mundo, mas não fez nada maléfico para impedir a sabotagem de seus empregados bonzinhos, o Dr. Ian Malcolm (Jeff Goldblum) e Ramsay Cole (Mamadou Athie), que decidiram salvar o mundo, totalmente de graça.

O Cook, ou melhor, Lewis, recebe a notícia da traição numa boa, mas não pune os dois alcaguetes, e eles se salvam bonitinhos no final, entre eles os três dessas últimas fotos.



Vejamos a sequência dos filmes com seus respectivos diretores

1. Jurassic Park 1993 Steven Spielberg
2. Jurassic Park - O Mundo Perdido - 1997 - Steven Spielberg
3. Jurassic Park III - 2001 - Joe Johnston
4. Jurassic World: O Mundo dos Dinossauros - 2015 - Colin Trevorrow
5. Jurassic World: Reino Ameaçado - 2018 - J. A. Bayona
6. Jurassic Word: Domínio - 2021 - Colin Trevorrow
7. Seja qual for o nome e o diretor, por favor, não assista, jamais!



Obviamente, Lewis Dogson morre, quando tenta se safar fugindo por um túnel, mas é encurralado por dois dinossaurinhos mais extravagantes, que tem uma espécie de “guarda-chuva” colorido nas têmporas, mas isso nem é um

spoiler, pois estava na cara que iria acontecer. Ah, esqueci de comentar que havia uma menina chatinha que era clonada, Maisie Lockwood (Isabella Sermon), que seria uma “gênia” que nada fez de genial nesse filme, mas dizem que só apareceu para dar continuidade ao episódio 7, que ainda há de ser pior do que seu antecessor.

